

As Divisões Blindadas

Almir dos Santos*

O artigo relata episódios da Segunda Guerra Mundial ligados ao emprego dos blindados, segundo as concepções de Heinz Guderian.

Quando, em 1914, teve início a Primeira Guerra Mundial, o mundo conheceu três novas e poderosas armas de ataque: o submarino, o avião e o tanque de guerra. O submarino, já com uma estratégia bem-definida, fez estrago no transporte marítimo. O avião e o tanque, porém, tiveram atuações discretas. O avião fazia parte de uma guerra particular entre nobres e cavalheiros (vide o Barão Vermelho), e o tanque foi muito mal-aproveitado, uma vez que não havia uma doutrina de como utilizá-lo.

Ainda em relação aos tanques, terminada a guerra, em 1918, havia um lugar-co-

mum na concepção estratégica de uma batalha: os tanques não poderiam ser utilizados isoladamente; somente como arma de apoio à infantaria. Em 1939, porém, quando se iniciou a Segunda Guerra Mundial, a Alemanha surpreendeu o mundo com as imbatíveis Divisões Blindadas (divisões Panzer). As rápidas vitórias sobre a Polônia e a França e a grande arrancada até as portas de Moscou, foram, sem dúvida alguma, provocadas por uma perfeita doutrina de como se utilizar um blindado em batalhas.

No período entre as duas guerras, os americanos, os ingleses e os franceses, por não perceberem a força de ataque que aquela arma poderia dar a um exército, não

mais se interessaram pelo assunto. Na Alemanha, porém, se deu o contrário. Em 1923, alguém no Estado-Maior do Exército deu ao Major do Exército alemão, Heinz Guderian, a incumbência de criar uma unidade motorizada com tanques. Tratava-se de uma função burocrática, uma vez que, por força do armistício que pôs fim à Primeira Guerra Mundial, era vetado à Alemanha o direito de possuir tanques de guerra em seu exército. Mesmo assim, a função agradou a Guderian. Estudando tudo que havia sobre o tema, percebeu algo que ninguém estava vendo: a importância do tanque de guerra numa batalha.

Depois de três anos de estudo, Guderian convenceu

* Professor da Escola Naval.

o comandante do Exército a comprar dez tanques da Suécia, para que pudesse pôr em prática todas as teorias que desenvolvia nas mesas do seu escritório. Estando cada vez mais entusiasmado com os blindados, a partir de 1930 começou a fazer palestras nas diversas unidades do Exército, defendendo sua tese sobre: *as divisões blindadas e a guerra móvel*. As palestras foram um fracasso total. O pensamento dos militares alemães não se diferenciava dos militares ingleses, franceses e americanos. Eles ainda achavam que o tanque tinha de ser um dispositivo auxiliar da infantaria.

Em 1934, já no governo de Hitler, o novo chanceler quis conhecer e assistir a uma demonstração de suas tropas motorizadas. A exibição aconteceu, mas não foi feita com tanques e sim com alguns veículos estranhos que eram na realidade tratores armados de canhão. O chanceler, que era ex-infante, gostou da exibição e disse: *é disso que eu preciso*. Só que nada fez pelo projeto. Preferiu investir nos aviões de mergulho por acreditar na tese do amigo, Hermann Goering, comandante da *Luftwaffe* (Força Aérea), que dizia: *bombardando as po-*

pulações civis, colocaremos qualquer nação de joelhos.

Continuando sua peregrinação, em 1937, Guderian escreveu um livro intitulado *Actung Panzer*, onde deu os conceitos fundamentais da *guerra móvel*, que tinha, como a principal arma de um exército, o tanque de guerra. Nesse livro, ele expunha todas as suas idéias de como um tanque deveria ser utilizado numa batalha. Dentre essas idéias três pensamentos podemos lembrar agora. Primeiro: *o comandante panzer tem de ser audacioso, não pode ter medo de tomar decisões e liderar na frente de combate*. Num outro ponto afirmava: *os panzer não devem ser utilizados isoladamente, mas sim num ataque coordenado com a artilharia e a aviação*. E mais à frente concluía: *numa batalha, os panzer devem se movimentar pelos flancos até a retaguarda inimiga, separados das outras unidades mais lentas*.

Essa nova filosofia, se fosse implantada, mudaria radicalmente o conceito de uma guerra e colocaria a Alemanha em total oposição à doutrina militar existente nas Escolas de Estado-Maior dos ingleses, americanos, russos

e franceses. Mas os generais do Estado-Maior do Exército (EME) não admitiam, sequer, a existência de batalhões blindados. Para eles as três armas de um exército continuavam sendo: a Cavalaria, a Infantaria e a Artilharia.

A oposição radical do EME à criação de unidades blindadas era devido ao fracasso dos tanques na Revolução Espanhola. Alegavam que os panzer eram lentos e pesados demais, por isso tornavam-se alvos fáceis para as armas antitanque. Irritado com as críticas, Guderian respondia que, naquela guerra, pessoas despreparadas tinham sido colocadas, tanto para operar os blindados como para elaborar as táticas. Dizia também que os infantas alemães sabiam disso, mas como não queriam perder a importância que tinham dentro do Exército, alimentavam aquela mentira. Quando sugeriu a construção de peças de artilharia sobre veículos autopropulsor, os artilheiros se posicionaram também contra ele. Ironicamente respondeu: *acostumados há quinhentos anos a transportar seus canhões com a boca para trás, não me surpreendeu suas reações ao ver um veículo em*

que o canhão é transportado com a boca para frente.

O Marechal Von Brauchitsch, comandante do Exército e o General Beck, chefe do EME, estavam vivendo momentos difíceis. Hitler negociava com a Inglaterra e a França a anexação dos Sudetos, região da Tcheco-Eslováquia, alegando que os alemães ali residentes estavam sofrendo perseguição política. Entretanto, secretamente, ordenara ao EME um plano para ocupar todo o país. O General Beck, tinha certeza de que, quando isso acontecesse, ingleses e franceses iriam à guerra. Para salvar a Alemanha de outro grande conflito, ele e os generais Witzleben, Stulpnagel e Speidel planejavam assassinar Hitler. Para um evento dessa natureza, o General Beck, que liderava o complô, precisava manter o exército unido e o General Guderian estava dividindo o generalato, com aquela polêmica sobre a guerra móvel. Para tirá-lo de cena, o comandante do Exército e o chefe EME tentaram lhe dar uma *carona* na promoção para general-de-divisão. Mas, Hitler interveio e promoveu Guderian, mesmo sem a indicação de Beck.

Depois disso, para desespeto dos tradicionalistas, o ditador nazista autorizou a criação das primeiras unidades blindadas, utilizando os seguintes tanques: um leve, para missões de reconhecimento, e dois médios — um para combate tanque a tanque e outro para apoio à infantaria. Apenas o tanque pesado, que resistisse a todas as armas antitanques, não foi construído. A partir daí, nem a oposição radical dos generais, nem a má vontade do novo chefe do Estado-Maior, Franz Halder (outro artilheiro), conseguiram prejudicar o desenvolvimento das divisões blindadas.

Em maio de 1939, Hitler ordenou ao chefe do EME um plano para a invasão da Polônia. Halder, um antinazista roxo, a quem, por direito, cabia a elaboração do plano, delegou poderes ao General Manstein, alegando estar muito pessimista no que dizia respeito ao sucesso dessa invasão. Todos sabiam que a paciência da França e da Inglaterra tinha chegado ao limite. Por isso, atacar a Polônia utilizando um milhão e meio de homens, deixando na retaguarda, próximo à fronteira alemã, cinco exércitos franceses e, ainda, a poderosa For-

ça Expedicionária Britânica, era cometer suicídio. *Com os alemães dentro da Polônia, afirmava Halder, ingleses e franceses, ocuparão toda Alemanha, até Berlim, em 15 dias.*

Ao receber a missão, Manstein teve a mesma preocupação. Por isso imaginou um plano que pudesse derrotar os poloneses o mais rápido possível para trazer todo o Exército de volta em poucos dias. Esse plano já existia nos manuais de Guderian, sobre as divisões panzer. Foi então que, baseado nesses manuais, Manstein elaborou um ataque no qual, enquanto a artilharia e a aviação bombardeavam impiedosamente o inimigo, os tanques avançavam pelos flancos e fechavam o cerco na sua retaguarda. Essa operação combinada entre os panzer, a artilharia e a aviação, Hitler chamou de Blitzkrieg.

Ao entregar o plano a Halder, Manstein, incluía duas divisões panzer e sugeria os comandantes para essas divisões. Um dos generais sugerido foi Kleist, famoso por sua competência e equilíbrio, e o outro, apesar da pressão contrária de Halder, que o achava um demagogo, era Heinz Guderian. Manstein argumenta-

va que não poderia deixar de fora, no primeiro ataque, justamente o criador das divisões.

A invasão foi marcada para as primeiras horas do dia primeiro de setembro de 1939. Horas antes, Hitler telefonou para Guderian e disse: *agora eu quero ver se seus panzer vão funcionar mesmo.*

E o Exército partiu. Um milhão e meio de alemães contra, um milhão e trezentos mil poloneses. Uma diferença pequena, mas o Exército alemão deu uma exibição de tática e de estratégia. Foi o confronto do novo contra o velho; do moderno contra o clássico; do realismo contra um romantismo que não existia mais; do tanque de aço de Guderian, contra a Cavalaria. Pertencente ao Grupo de Exércitos do Norte, sob o comando do Marechal-de-Campo Von Bock, a divisão panzer de Guderian, em 5 dias, tinha derrotado um exército de 200 mil homens usado pelo inimigo para defender o Corredor Polônês. Logo a seguir, destruiu todos os canhões pesados que os poloneses tinham instalado naquela região para defender sua fronteira.

Derrotando espetacularmente o inimigo na frente de

batalha, ao contrário do que se poderia supor, Guderian começou a irritar os generais do seu próprio exército. Por não aceitarem a filosofia da guerra móvel e não entenderem o que estava acontecendo, os oficiais generais do EME e do Estado-Maior das Forças Armadas começaram a criticá-lo por estar indo rápido demais. Halder chegou a ordenar-lhe que parasse, pois corria o risco de ficar sem suprimentos. Entretanto, dias depois de iniciada a invasão, observando o procedimento daqueles oficiais que não comandavam a frente da luta e que temiam assumir riscos, o EME e o Estado-Maior das Forças Armadas tiveram de render-se à poderosa arma de ataque que aquele gênio incompreendido lhes pusera nas mãos.

Guderian atravessou a Prússia Oriental, invadiu a Polônia por trás de Varsóvia e, em alta velocidade, ocupou a cidade de Brest-Litovsk, iniciando uma das mais rápidas vitórias do Exército alemão. Em 20 dias a Polônia estava derrotada.

Devido ao sucesso dos blindados na guerra com a Polônia, Halder criou um exército de blindados. Na Alemanha, um Grupo de Exército, sob comando de

marechais-de-campo, passa a ser formado por exércitos de infantaria, e exércitos blindados. Entretanto, colocou Kleist para comandar esse exército, ao invés de Guderian. Com isso, ele pretendia controlar o general rebelde. Mas, quando começou a invasão da França, em maio de 1940, os tanques de Guderian partiram outra vez em alta velocidade, iniciando uma arrancada que se tornaria clássica na História Militar. Nessa arrancada, ele destruiu, em pouquíssimo tempo, o Primeiro, o Segundo e o Novo Exército franceses.

Com os franceses totalmente desarticulados, Guderian continuou avançando levando Halder ao desespero. Ao ser informado, Hitler ordenou que Guderian parasasse para esperar as tropas mais lentas. A ordem chegou ao Marechal Rundstedt, que a transmitiu a Guderian. Ele respondeu que não poderia parar naquele momento, pois lá na frente de batalha é que se podia ver a situação em que se encontrava o Exército francês: desertando em massa. Kleist, como seu chefe imediato, exonerou-o e o exército panzer teve de parar.

O Marechal Rundstedt, politicamente, reuniu Gude-

rian e Kleist. Depois de uma longa conversa, tudo ficou acertado. E o controvertido general recuperou o comando.

Avançando dentro dos limites estabelecidos pelo Estado-Maior, Guderian chegou ao Canal da Mancha, colocando em fuga o Sétimo Exército francês e deixando o mar como única saída para a Força Expedicionária Britânica.

Ao verem os ingleses fugindo desesperadamente de Dunquerque através do Canal, Halder, Kleist, Rundstedt e Hitler chegaram à conclusão de que, se não tivessem obrigado Guderian a parar, ele teria cercado também os ingleses, conseguindo assim a maior vitória da História Militar da Alemanha.

No dia 22 de junho de 1941, Hitler iniciou o ataque à URSS com três Grupos de Exércitos, cada Grupo possuindo, agora, um exército blindado. Os exércitos blindados ficaram sob o comando dos generais Mainstein, com o Grupo Norte, Kleist, com o Grupo Sul e Guderian, com o Grupo do Centro.

A Força Aérea do Marechal Von Bock, comandante do Grupo de Exércitos do Centro, numa manobra bem-sucedida, conseguiu destruir, no chão, 2.500 aviões

soviéticos, o que lhe deu total superioridade aérea, abrindo o caminho para o exército panzer. Utilizando a velocidade de sempre, Guderian derrotou os russos em Bialystck, Minsk e Smolensk. As perdas acumuladas russas foram assustadoras: 4.500 canhões, 4.700 tanques, 3 milhões de baixas.

A Rússia está derrotada, foi o que disse, transtornado, o embaixador inglês ao presidente americano, num último esforço para que a América entrasse na guerra. Entretanto, nesse mesmo dia, com o caminho para Moscou praticamente livre, Hitler deu ordem para que Guderian parasse o ataque.

A ordem causou surpresa e muita apreensão no Alto Comando. Hitler, porém, chamou os marechais von Bock e Rundstedt e o General Guderian para uma reunião e disse que não estava satisfeito com o comando de Kleist no exército panzer no sul da URSS. O motivo era que a cidade de Kiev, capital da Ucrânia, ainda não tinha caído. Os três oficiais retrucaram que isso não tinha a menor importância, que o importante naquele momento era Moscou e que o caminho para lá estava totalmente livre para Guderian.

Hitler passou então a viver uma crise de decisão. Pela primeira vez, seus assessores diretos perceberam que ele não sabia o que fazer. Somente a 20 de agosto, 15 dias depois, Hitler se decidiu; Guderian deveria dirigir-se para o sul e ajudar Kleist no ataque final a Kiev. O EME entrou em pânico. Como última tentativa para reverter a decisão que consideravam uma loucura, Halder e Brauschitsch convidaram o Marechal Von Bock e os generais Guderian, Hoth e Kluge para uma reunião com Hitler. Mas de nada adiantou; o ditador falou o tempo todo e garantiu que a Rússia estava derrotada.

O exército panzer de Guderian, efetuando uma guinada de 90 graus, partiu para o sul, para a Ucrânia. Em 14 de setembro, seus panzers, juntamente com os de Kleist, cercaram Kiev e a cidade caiu.

Em 15 de setembro, veio a ordem para que Guderian retornasse ao grupo de exércitos do centro e iniciasse o ataque final a Moscou. A 22 de setembro, o Marechal Von Bock iniciou a ofensiva. Guderian partiu para o ataque e travou sua última grande batalha, derrotando o

Exército Vermelho em Vyazma, conseguindo 650 mil prisioneiros.

Com o exército de Guderian nos subúrbios de Moscou, houve pânico na cidade. Stalin e seus ministros abandonaram a capital. Mas a situação também estava difícil para os alemães. Moscou estava cercada de grandes buracos que dificultavam o avanço dos blindados. Guderian tinha perdido mais de sessenta por cento de seus tanques e os motores dos restantes já mostravam sinais de cansaço, com muitos precisando de reparos na Alemanha. A Força Aérea perdera todo seu poder de ataque, por falta de manutenção e fadiga dos pilotos. E as noites frias, com os ventos cortantes, levavam a tropa ao desespero, temendo o inverno que se aproximava.

E vieram as chuvas que, acompanhadas de muita lama, pararam totalmente a máquina de guerra alemã. Guderian fez um memorando ao Marechal Von Bock afirmando que, com a lama do jeito que estava, o exército panzer poderia ser totalmente destruído se os russos atacassem; por isso, solicitava um recuo tático. Bock enviou o pedido a Berlim. Hitler teve um ataque histé-

rico antes de negar o pedido, dizendo-se cercado de incompetentes.

Após muita insistência, Von Bock caiu em desgraça e foi substituído por Von Kluge. E a neve chegou. Durante a noite, a temperatura atingia 30 graus abaixo de zero. Os alemães morriam aos milhares.

Guderian, desesperado, escreveu outro memorando, agora ao recém-promovido Marechal Von Kluge, suplicando autorização para recuar seu exército até a cidade de Smolensk, pois caso contrário todos morreriam congelados.

Berlim voltou a recusar o pedido. Para agravar ainda mais a situação, na segunda semana de dezembro, os russos contra-atacaram com um exército descansado e com roupas de frio. Com a gasolina dos blindados congelada, era muito difícil colocar os motores dos tanques para funcionar. Pela primeira vez Guderian teve de ficar na defensiva.

Vendo o desespero de Guderian, Kluge foi diretamente a Hitler solicitar permissão para retornar com as tropas para Smolensk. O pedido foi negado. Ao receber a negativa de Hitler, Guderian ficou furioso. Voltou à

frente de batalha e ordenou a retirada de suas tropas, desobedecendo a Von Kluge e ao próprio Hitler. Com o seu ato ele salvou o exército blindado, mas teve um ataque cardíaco, foi exonerado e sua carreira de grande guerreiro terminou aí.

Guderian não foi o único nem o maior dos gênios no comando de blindados. Os maiores foram, sem dúvida alguma, o General alemão Erwin Rommel, a *Raposa do Deserto*, e o americano George Patton. De uma coisa, porém, temos certeza: Heinz Guderian foi o maior reformista do século XX. Os interessados no assunto não devem deixar de ler as táticas desses lendários chefes militares.

Depois da guerra, Guderian foi trabalhar na Divisão de História do Exército americano, onde passou para o papel todas as suas táticas e técnicas. Em 1950, escreveu o livro: *As Divisões Panzer*, publicado no Brasil pela Biblioteca do Exército. Esse livro tornou-se um sucesso mundial, vendendo mais de um milhão de exemplares. Seu autor morreu, em 1954, com uma considerável conta bancária.

